

Alan M. Zuffo
Jorge G. Aguilera
Bruno R. de Oliveira
Rosalina E. L. Zuffo
Aris V. Peña
Organizadores

CIÊNCIA
EM FOCO
VOLUME VI



2021

Alan Mario Zuffo
Jorge González Aguilera
Bruno Rodrigues de Oliveira
Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo
Aris Verdecia Peña
Organizadores

Ciência em Foco Volume VI



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com.

Revisão: O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Profa. Msc. Adriana Flávia Neu

Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior

Profa. Msc. Aris Verdecia Peña

Profa. Arisleidis Chapman Verdecia

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva

Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo

Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu

Prof. Dr. Carlos Nick

Prof. Dr. Claudio Silveira Maia

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos

Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva

Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos

Prof. Msc. David Chacon Alvarez

Prof. Dr. Denis Silva Nogueira

Profa. Dra. Denise Silva Nogueira

Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves

Prof. Me. Ernane Rosa Martins

Prof. Dr. Fábio Steiner

Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza

Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez

Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles

Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira

Prof. Msc. Javier Revilla Armesto

Prof. Msc. João Camilo Sevilla

Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales

Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski

Prof. Msc. Lucas R. Oliveira

Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela

Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez

Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann

Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior

Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos

Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla

Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira

Profa. Msc. Núbia Flávia Oliveira Mendes

Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira

Profa. Dra. Patrícia Maurer

Profa. Msc. Queila Pahim da Silva

Prof. Dr. Rafael Chapman Auty

Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke

Instituição

OAB/PB

Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã

UO (Cuba)

IF SUDESTE MG

Facultad de Medicina (Cuba)

ISCM (Cuba)

UFESSPA

UEA

UNEMAT

UFV

AJES

UFGD

UEMS

IFPA

UNICENTRO

IFMT

UFMG

URCA

ISEPAM-FAETEC

IFG

UEMS

UFF

(Colômbia)

UNAM (Peru)

IFRR

UCG (México)

Mun. Rio de Janeiro

UNMSM (Peru)

UFMT

Mun. de Chap. do Sul

IFPR

Tec-NM (México)

Consultório em Santa Maria

UFJF

UEG

FAQ

UNAM (Peru)

SEDUC/PA

IFB

IFPA

UNIPAMPA

IFB

UO (Cuba)

UFMS

Prof. Dr. Raphael Reis da Silva	UFPI
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes	UFG
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo	UEMA
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos	IFB
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca	UFPI
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira	FURG
Profa. Dra. Yilan Fung Boix	UO (Cuba)
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme	UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciência em foco [livro eletrônico] : volume VI / Organizadores Alan Mario Zuffo... [et al.]. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 200 p.: il. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-81460-17-4 DOI https://doi.org/10.46420/9786581460174 1. Ciência – Pesquisa – Brasil. 2. Pesquisa científica. I. Oliveira, Bruno Rodrigues de. II. Zuffo, Alan Mario. III. Aguilera, Jorge González. IV. Peña, Aris Verdecia. V. Zuffo, Rosalina Eufrausino Lustosa. CDD 001.42
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

A obra “Ciência em Foco Volume VI” em seus 17 capítulos, apresentam trabalhos relacionados com o desenvolvimento de novas tecnologias principalmente vindas das universidades. Os trabalhos mostram algumas das ferramentas atuais que permitem o incremento a melhoria da qualidade de vida da população, o atendimento no setor público, os impactos no meio ambiente, além da saúde pública, entre outras. A obra, vem a materializar o anseio da Pantanal Editora na divulgação de resultados, que contribuem de modo direto no desenvolvimento humano.

Avanços em diversas áreas do conhecimento, entre elas, nas áreas de Ciências Sociais, Saúde, Educação, entre outras, estão presentes nesses capítulos. Temas associados aos impactos ambientais urbanos, ao uso de drogas em gestantes, ao estudo da visão da mulher negra, a percepção dos servidores de uma escola pública federal, ao ensino de física durante a pandemia, automedicação no Brasil, a correlação entre a doença de Chagas e indicadores socioeconômicos, ao cuidado farmacêutico em pacientes idosos usuários de polifarmácia, a determinação do impacto da intoxicação medicamentosa, ao papel do farmacêutico na promoção da saúde a pacientes portadores de transtornos mentais, a utilização do cravo na produção de repelente, a ética na gestão da qualidade do serviço público, a tradução de poesia e retradução, a concepção e marcos de projetos político-pedagógicos na enfermagem.

Aos autores dos diversos capítulos, pela dedicação e esforços sem limites, que viabilizaram esta obra que retrata os recentes avanços científicos e tecnológicos, os agradecimentos dos Organizadores e da Pantanal Editora.

Por fim, esperamos que este livro possa colaborar e estimular aos estudantes e pesquisadores que leem esta obra na constante procura por novas tecnologias. Assim, garantir uma difusão de conhecimento fácil, rápido para a sociedade.

Os organizadores

Sumário


Apresentação	4
Capítulo I	7
Impactos ambientais Urbanos: O exemplo do Bairro de Stella Mares – Salvador-BA.....	7
Capítulo II	17
Uso de drogas de abuso por gestantes	17
Capítulo III	32
Um Estudo Sobre A Visão Da Mulher Negra Na Obra “O Cortiço”, E Estereótipos Que Ainda Persistem No Século XXI	32
Capítulo IV	40
Estudo do perfil de consumo do centro de abastecimento de Parauapebas-PA	40
Capítulo V	52
Clima organizacional: percepção dos servidores de uma escola pública federal	52
Capítulo VI	65
O ensino de física durante a pandemia em Teresina - PI: relatos dos seus docentes.....	65
Capítulo VII	86
Avaliação do potencial citogenotóxico de extratos aquosos de <i>Hibiscus sabdariffa</i> L. por meio do teste <i>Allium cepa</i> L.....	86
Capítulo VIII	97
A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos: uma revisão bibliográfica	97
Capítulo IX	105
Correlação entre a doença de chagas e indicadores socioeconômicos no estado do Pará	105
Capítulo X	114
Cuidado farmacêutico em pacientes idosos usuários de polifarmácia: uma revisão de literature.....	114
Capítulo XI	127
Determinação do impacto da intoxicação medicamentosa frente aos usuários de medicamentos	127
Capítulo XII	135
O Papel do Farmacêutico na Promoção da Saúde a Pacientes Portadores de Transtornos Mentais: Uma Revisão da Literatura.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo XIII	149
A utilização do cravo na produção de repelente no ambiente escolar.....	149
Capítulo XIV	166
A ética na gestão da qualidade do serviço público.....	166
Capítulo XV	176
Tradução de poesia e retradução: um estudo sobre <i>Poema sujo</i>	176
Capítulo XVI	185

Concepção e marcos de projetos político-pedagógicos na enfermagem.....	185
Capítulo XVII	191
Uma discussão sobre a utilização da inteligência artificial no judiciário brasileiro	191
Índice Remissivo	198
Sobre os organizadores.....	199

Tradução de poesia e retradução: um estudo sobre *Poema sujo*¹

Recebido em: 16/11/2021

Aceito em: 23/11/2021

 10.46420/9786581460174cap15

Janaína Buchweitz e Silva^{2*} 

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar um breve apanhado teórico sobre a questão da tradução de poesia, versando de maneira mais específica sobre a questão da retradução, partindo de conceitos desenvolvidos por Haroldo de Campos (1983), Berman (1990), Faleiros (2009) e Meschonnic (2010). Berman entende a retradução enquanto uma forma de aprimoramento e de repetição, e já para Faleiros a retradução opera como uma nova leitura ou uma reapropriação de uma obra já traduzida. Usando como ponto de análise o *Poema sujo* de Ferreira Gullar, e suas traduções para a língua espanhola, busca-se demonstrar a aplicabilidade dos conceitos que permeiam o tema da retradução de poesia a partir da tradução desenvolvida por Alfredo Fressia para a língua espanhola.

MATERIAL E MÉTODOS

Em *A tradução literária*, Paulo Henriques Britto aponta para o que ele considera como sendo as especificidades da tradução de literatura. Apontando para a dificuldade, em determinados casos, em se definir o que é e o que não é um texto literário, o autor entende que, de maneira geral, a tradução de literatura possui suas peculiaridades, que são intensificadas no caso das traduções de poesia. Britto crê na impossibilidade de fidelidade absoluta entre a obra original e sua tradução, mas vê importância no estabelecimento de metas de fidelidade, onde “o tradutor tem a obrigação de se esforçar ao máximo para aproximar-se tanto quanto possível da inatingível meta de fidelidade.” (Britto, 2012). Sobre a tradução literária, o autor comenta que:

Podemos agora tentar definir de modo um pouco mais claro o que entendemos por tradução literária: é a tradução que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada. Isso significa que a tradução literária de um romance deve resultar num romance; a de um poema, num poema. Significa que a tradução de um texto que provoque o riso no original deve provocar o riso em seu leitor; que a tradução de um poema cheio de efeitos musicais, como padrões rítmicos e rimas, deve conter efeitos

¹ Parte deste trabalho foi publicado no periódico LEITURA UFAL, v.1, p. 334-343, 2021.

² Universidade Federal de Pelotas.

*Autora correspondente: janaesilva@yahoo.com.br

semelhantes ou de algum modo análogos; que a tradução de uma peça teatral que represente fielmente a maneira de falar de pessoas de classe média na cultura de origem deve representar de modo igualmente fiel a maneira de falar de pessoas de classe média na cultura do idioma da tradução (Britto, 2012).

Em se tratando de tradução de poesia, Britto entende que o poema é um texto literário que pode ser traduzido como qualquer outro, atentando para o fato de que tudo em um poema pode ser significativo, e que caberá ao tradutor determinar os elementos mais relevantes em cada situação. Para Britto (2012) há críticos que julgam impossível a tradução de poesia, enquanto outros creem nessa possibilidade, apontando ainda para a existência de diferentes teorias que estariam entre esses dois extremos. Para tanto cita os estudos de André Lefevere, que reprova todas as estratégias de tradução de poesia já que, segundo Britto, Lefevere tem uma expectativa implícita de que “a tradução deve recriar *todos* os aspectos do poema original, sem *nenhuma* perda.” (Britto, 2012). Nesse sentido Britto apresenta-se como um crítico de Lefevere, por entender que a tradução deve saber conviver com o imperfeito e o incompleto, refutando, dessa forma, uma concepção idealista de poesia. Também Vladimir Nabokov, romancista e tradutor, refutou a possibilidade da tradução de poesia. Britto vê Nabokov como alguém que enxerga a poesia com olhos de prosador e que dá ênfase ao aspecto semântico de um poema, deixando de lado questões como efeitos sonoros, por exemplo. Britto cita ainda os estudos da teórica brasileira Rosemary Arrojo, para quem as avaliações de traduções são inteiramente arbitrárias, o que Britto refuta, na medida em que entende que “o fato de que a impossibilidade de haver uma avaliação absolutamente irrefutável não implica que toda e qualquer avaliação seja absolutamente arbitrária.” (Britto, 2012).

Haroldo de Campos (1983), em ensaio intitulado *Tradução, ideologia e história*, apresenta uma nova leitura sobre sua ideia de tradução criativa enquanto prática *isomórfica*, onde a tradução funcionaria como uma recriação, gerando um novo texto que mantém relação de isomorfia com o texto de origem. O autor apresenta o termo *paramorfismo*, em que enfatiza o que é diferencial, reforçando sua ideia anterior de tradução enquanto recriação. Considerando a historicidade do texto, para o autor a tradução deve ser entendida como um novo texto, que em um contexto de desconstrução e reconstrução da história, traduz e reinventa a tradição. Britto (2012) critica a ideia de transcrição ou transluciferação proposta por Campos, por entender que o referido autor também faz tradução:

Com todo o respeito que me inspiram o conhecimento e a habilidade de Haroldo de Campos, ousou discordar. Ao designar as traduções dos Campos de “transcrições” ou “transluciferações”, não fazemos outra coisa senão cunhar neologismos de gosto discutível. As traduções de poemas feitas por ele e por Augusto são de excepcional qualidade, mas não deixam de ser traduções; e por melhores que sejam, elas só poderiam tomar o lugar dos originais para aqueles que não podem ler Dante, Goethe, Donne ou Hopkins em seus idiomas respectivos. A meu ver, a *hybris* de Haroldo deve ser encarada como uma reação extrema à posição igualmente extrema de autores como Nabokov. Não deixa de ser curioso observar que os extremos se tocam: Nabokov nega pura e simplesmente a possibilidade de traduzir poesia; e Haroldo, que realiza traduções poéticas da maior qualidade, em seu afã de defender seu trabalho chega a negar que elas sejam o que são – traduções (Britto, 2012).

Retomando a ideia de que nem todos os teóricos negam a possibilidade de traduzir poesia, Britto (2012) cita como exemplo o caso de Meschonnic, para quem a poesia seria acima de tudo ritmo, e traduzir poesia seria prioritariamente reproduzir os efeitos rítmicos do original. Partindo da ideia de literatura enquanto sistema discursivo, entende-se que a tradução deva priorizar o discurso, ao invés da língua, levando em consideração ainda a historicização do sujeito. Meschonnic (2010) salienta que em nossa época houve uma transformação da ideia de oposição entre identidade e alteridade entre língua de origem e língua alvo para a ideia de interação entre elas, de maneira que uma apareça através da outra, onde o pensamento da linguagem se prende à passagem da língua ao discurso, apontando ainda para uma transformação do traduzir. Com isso, o autor posiciona-se sobre a historicidade da tradução:

O traduzir muda. Não se pode impedi-lo de mudar. Nem todos os tradutores, nem todas as traduções. Onde se encontra este paradoxo da tradução, que tudo o que se ensina só tende a definir e programar a má tradução, e corresponde à prática do maior número de traduções, no lugar em que a definição e o ensinamento se fundamentam nas muito mais raras traduções, que não fizeram de tudo como dizem fazer, mas que têm-se saído bem, maravilhosamente bem: significa que elas são obras, envelhecem como as obras. Invertendo o propósito banal, que quer que as traduções envelheçam, uma vez que elas são periodicamente refeitas, enquanto as obras não envelhecem. É o inverso que é verdadeiro. As obras verdadeiras envelhecem, no sentido que seu estado de língua não as encerra em um passado que não se lê mais. E as traduções-obras fazem disto tanto quanto. O que não se lê mais, é o que não envelhece, as obras ditas originais bem como as traduções. O descarte da época (Meschonnic, 2010).

Partindo para uma reflexão sobre o caso das retraduições, Berman (1990) entende-as como um “fenômeno misterioso”, já que para ele os originais permanecem eternamente jovens, enquanto as traduções envelhecem. Para o autor, as traduções que não envelhecem seriam somente as “grandes traduções”, afirmando que todas as grandes traduções são retraduições, e que toda primeira tradução nunca ou quase nunca é uma grande tradução. Para corroborar com essa afirmativa, o autor retoma o esquema triádico proposto por Goethe:

Um primeiro elemento de resposta pode ser dado por Goethe que, em seu *Divã ocidental-oriental*, apresenta três modos de tradução que são na verdade épocas de tradução. O primeiro modo, ou a primeira época, é a tradução *intra* ou *justalinear* (palavra por palavra) visando no máximo dar uma ideia grosseira (nas palavras de Goethe) do original. O segundo modo é a tradução livre, que adapta o original à língua, à literatura, à cultura do tradutor. O terceiro modo é a tradução literal, no sentido de Goethe, ou seja, a que reproduz as “particularidades” culturais, textuais, etc. do original. Cada vez que uma cultura se lança na aventura da Tradução, segundo Goethe, ela percorre necessariamente esse ciclo. A partir disso fica evidente que nenhuma primeira tradução pode ser uma grande tradução (Berman, 2017).

Seguindo o esquema de Goethe, Berman afirma que todo começo é desajeitado, e que somente o caminho da experiência pode contribuir para que uma tradução tome consciência dela mesma: “Toda primeira tradução é desajeitada: se repete aqui no nível histórico o que acontece com todo tradutor: nenhuma tradução é uma “primeira versão” (Berman, 2017). Já Walter Benjamin, em ensaio intitulado *A tarefa do tradutor*, discorre sobre as modificações da língua e a conseqüente necessidade de novas traduções:

Assim como tom e significação das grandes obras poéticas se transformam completamente ao longo dos séculos, assim também a língua materna do tradutor se transforma. E enquanto a palavra do poeta perdura em sua língua materna, mesmo a maior tradução está fadada a desaparecer dentro da evolução de sua língua e a soçobrar em sua renovação. Tão longe a tradução está de ser a equação estéril entre duas línguas mortas que, precisamente a ela, dentre todas as formas, a ela mais propriamente compete atentar para aquela maturação póstuma da palavra estrangeira, e para as dores do parto de sua própria palavra (Benjamin, 2013).

Como existem várias possibilidades de tradução, teoricamente, uma segunda tradução sempre será um pouco mais completa do que uma primeira, tendo em vista o fato de que a tradução seguinte teve a oportunidade de basear-se em uma tradução anterior. Nesse sentido, podemos perceber a tradução como uma atividade ligada a ideia de inacabamento, sempre passível de ser aprimorada, já que se baseia em categorias que sofrem a influência do tempo, como é o caso da linguagem. Pensando em questões como repetição, e conseqüentemente experiência, podemos concluir que uma nova tradução tende a propor novas experiências a partir da tradução anterior. Para Berman (2013), “A retradução, independentemente de seus aspectos estruturais, é sempre e em primeiro lugar um movimento histórico.” Berman (1990) aponta ainda para a ampliação do conceito de retradução, por entender que uma retradução não precisa ser, necessariamente, uma nova tradução de um texto já traduzido: “Basta que um texto de um autor já tenha sido traduzido para que a tradução dos outros textos deste autor entre no espaço da retradução. É por essa razão que o Poe de Baudelaire é uma retradução.” (Berman, 1990). Também para Berman, o sucesso de uma tradução está intrinsecamente relacionado à repetição:

Nessa visão de Goethe, há algo de muito profundo: a saber que toda ação humana, para ser bem-sucedida, precisa da repetição. E isso vale particularmente para a tradução, enquanto que ela já é originalmente uma operação de redobramento, de duplicação. A repetitividade primeira do traduzir é por assim dizer redobrada na tradução. É no momento posterior de uma primeira tradução cega e hesitante que surge a possibilidade de uma tradução bem-sucedida. (Berman, 2017).

Berman aponta ainda para dois fatos fundamentais inerentes à prática da retradução, os quais ele denomina de *kairos* e *insuficiência*. A ideia de *insuficiência* estaria relacionada ao fato de toda tradução ser marcada por uma não-tradução. Dessa forma, a retradução teria o intuito de reduzir a *insuficiência* originada em uma primeira tradução, sendo que somente uma grande tradução poderia suspender temporariamente a necessidade das retraduições. Já o *kairos* seria o momento favorável para a ocorrência da retradução, quando há uma espécie de suspensão da *insuficiência*, e com isso surge a oportunidade de melhor traduzir uma obra. Ainda para Berman (2013), é essencial distinguir os dois tempos e os dois espaços de tradução existentes entre as primeiras traduções e as retraduições, apontando para uma reflexão sobre a temporalidade do traduzir que encontra suas bases em Goethe e Benjamin, onde quem retraduz não está mais diante de um só texto e sim de dois: o original e o primeiramente traduzido. Berman salienta ainda que:

A retradução serve como original e contra as traduções existentes. E pode-se observar que é neste espaço que geralmente a tradução produz suas obras-primas. As primeiras traduções não são (e não podem ser) as maiores. Tudo acontece como se a secundaridade do traduzir se desdobrasse com a retradução, a “segunda tradução” (de certa forma, nunca há uma terceira, mas outras “segundas”). Quero dizer com isto que a grande tradução é duplamente segunda: em relação ao original, em relação à primeira tradução (Berman, 2013).

Já para Faleiros (2009), a retradução opera como uma reescritura da reescritura, funcionando como uma nova leitura ou uma reapropriação de uma obra já traduzida. Faleiros defende que uma retradução não implica necessariamente um amadurecimento. Para tanto, cita como o exemplo as várias traduções da *Canção de Rolando* para o português, em que as traduções mais recentes não fazem nenhum tipo de referência às traduções anteriores:

Deixados de lado os juízos de valor, o que chama a atenção é que as retraduições, além de não fazerem referência a traduções anteriores, não representam uma mudança em relação a elas.(...) Desse modo, o leitor brasileiro tem, por uma terceira vez, um texto balizado por um mesmo projeto de tradução: tradução puramente semântica, sem a presença de um original e tradutoriamente nada reflexivo (Faleiros, 2009).

Com isso, Faleiros aponta para a importância da reflexão sobre as traduções já existentes quando da elaboração de retraduições, sinalizando, assim como Berman, para a importância da historicidade do traduzir, na medida em que aponta para a importância em se pensar o ato da tradução enquanto marca histórica e cultural. A seguir, traremos um exemplo da poesia brasileira que atingiu grande prestígio junto à crítica e ao público, tanto no Brasil quanto no exterior, tendo passado, conseqüentemente, pelo fenômeno da retradução.

Ferreira Gullar foi poeta, escritor, tradutor e crítico de arte, tendo nascido no Maranhão em 1930 e falecido no Rio de Janeiro em 2016, aos 86 anos de idade. Segundo Bosi, Gullar abriu caminho para a afirmação da poesia concreta no Brasil, com o livro *Luta corporal*, de 1954. A publicação chamou a atenção dos concretistas – os irmãos Campos e Décio Pignatari – o que ocasionou na adesão de Gullar ao movimento da poesia concreta, em 1956. No ano seguinte Gullar rompeu com o movimento, por considerá-lo excessivamente racionalista, já que os concretos buscavam uma poesia matemática e Gullar buscava uma experiência fenomenológica para a poesia. Em 1958 publicou o *Manifesto neoconcreto* e a *Teoria do não objeto*, obras que marcaram o início do movimento neoconcreto no Brasil. Gullar foi agraciado com uma série de homenagens e premiações ao longo de sua carreira, dentre elas o prêmio camões em 2010. Ferreira Gullar exilou-se em países como Rússia, Chile e Peru, até chegar em Buenos Aires, cidade que permaneceu exilado por alguns anos, e local onde compôs o *Poema sujo* ao longo de 5 meses. *Poema sujo* foi escrito em 1975, durante o período em que Gullar esteve exilado na Argentina devido à ditadura civil-militar brasileira, e publicado no Brasil no ano seguinte. Sobre o exílio na Argentina e as motivações para a escrita de *Poema sujo*, Gullar comenta que:

À minha volta, os amigos começaram a ser presos ou fugir. Com o passaporte vencido, não poderia sair do país, a não ser para o Paraguai ou a Bolívia, dominados por ditaduras ferozes como a nossa. Enquanto isso, a cada manhã, novos cadáveres eram encontrados próximos ao

aeroporto de Ezeiza, alguns deles destruídos a dinamite. Sabia-se que agentes da ditadura brasileira tinham permissão para entrar no país e capturar exilados políticos. Sentia-me dentro de um cerco que se fechava. Decidi, então, escrever um poema que fosse o meu testemunho final, antes que me calassem para sempre (Gullar, 2016).

Segundo Gullar (2008), foi Vinícius de Moraes o responsável pela divulgação do *Poema sujo* no Brasil. Vinícius esteve na Argentina e se encantou com a declamação do poema, tendo se oferecido para gravá-lo em uma fita cassete, que em seguida levou para o Brasil. A gravação se popularizou rapidamente e chamou a atenção de um editor, que publicou o *Poema sujo* em meados de 1976. Gullar comenta ainda que:

Antes de publicado, *Poema sujo* já se tornara conhecido de muita gente, porque a fita levada pelo Vinícius foi copiada, passando de pessoa para pessoa, que também reunia amigos em sua casa para ouvi-la. Isso gerou uma grande expectativa em torno da publicação do poema. A crítica o recebeu com elogios e a primeira edição se esgotou rapidamente (Gullar, 2008).

Gullar comenta ainda que a publicação do *Poema sujo* despertou a solidariedade de pessoas que passaram a reclamar sua volta ao Brasil, e que o poema acabou por antecipar o término de seu exílio. Sobre o poema de Gullar, Bueno comenta que “A mistura de paisagens, fatos, prédios, corpos, tudo, com uma liberdade formal plena e exata, faz do *Poema sujo* um desses poemas totais, entre o que de mais vivo e menos livresco há na poesia brasileira.” (Bueno, 2007). Sobre o *Poema sujo*, também Bosi comenta que:

O *Poema sujo* é uma longa fala da memória, e o seu objeto, real e imaginário, a cidade do poeta, São Luís do Maranhão. Memória-saudade e memória-desespero. Há tanto dilaceramento nessa reconstrução febril do passado que, lido o poema de um só lance, cala-se toda veicidade de rotulá-lo ideologicamente. A poesia reencontra aqui a sua vocação musical de abolir o tempo, não já contrafazendo as artes do espaço, mas explorando o próprio cerne da duração (Bosi, 2015).

Ainda para Bosi, em toda produção de Gullar percebe-se um renovado modo de se conceber a poesia, que a partir dos anos 70 pautou-se em tendências tais como o ressurgimento do discurso poético, a grande margem à fala autobiográfica e o caráter público e político da fala poética. Já para Ítalo Moriconi, o *Poema sujo* de Gullar é a completa “introjeção memorialística do adulto exilado”, em uma espécie de “épico do eu” (Moriconi, 2002), e Alexei Bueno o define como o “mais importante poema longo da poesia brasileira da década de 1970” (Bueno, 2007). Vejamos a seguir uma passagem de *Poema sujo*:

bela bela
mais que bela
mas como era o nome dela?
Não era Helena nem Vera
nem Nara nem Gabriela
nem Tereza nem Maria
Seu nome seu nome era...
Perdeu-se na carne fria

perdeu-se na confusão de tanta noite e tanto dia
perdeu-se na profusão das coisas acontecidas
constelações de alfabeto
noites escritas a giz
pastilhas de aniversário
domingos de futebol
enterros cursos comícios
roleta bilhar baralho
mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa
e de tempo: mas está comigo está
perdido comigo
teu nome
em alguma gaveta

(Gullar, 2016).

Segundo pesquisa de Cardoso (2018), na língua espanhola o *Poema sujo* possui até o momento quatro traduções publicadas: uma edição espanhola de 1997, do tradutor Pablo del Barco; uma edição colombiana de 1998, traduzida por Elkin Obregón Sanín; uma edição cubana de 2000, do tradutor Jorge Tissoni; e uma edição argentina de 2008, traduzida pelo poeta uruguaio Alfredo Fressia. Ainda segundo Cardoso (2018), “na apresentação de sua tradução do poema, o poeta uruguaio Alfredo Fressia afirma que teve acesso à tradução não oficial elaborada pelos amigos de Gullar e que manteve correspondências com o poeta brasileiro durante sua tradução. As mensagens trocadas entre o autor e o tradutor também foram responsáveis pela entrevista do poeta cedida para a publicação portenha” (Cardoso, 2018). Em sua autobiografia sobre os anos de exílio, Gullar menciona a tradução de *Poema sujo* para a língua espanhola que fora realizada por um grupo de tradutoras da Argentina, acompanhadas de Eduardo Galeano e do próprio Gullar, comentando que a editora que o publicaria acabou fechando às pressas em virtude da ditadura militar argentina. Vejamos a seguir uma passagem de *Poema sujo* e a respectiva tradução feita por Alfredo Fressia:

E do mesmo modo
que há muitas velocidades num
só dia
e nesse mesmo dia muitos dias assim não se pode
também dizer que o dia
tem um único centro
(feito um caroço
ou um sol)

Y del mismo modo
que hay muchas velocidades en un
solo día
y en ese mismo día muchos días así
tampoco se puede decir que el día
tiene un único centro
(hecho un carozo
o un sol)

porque na verdade tem inumeráveis centros como, por exemplo, o pote de água na sala de jantar ou na cozinha em torno do qual desordenadamente giram os membros da família.	porque a decir verdad un día tiene innumerables centros como, por ejemplo, el jarro de agua en el comedor o en la cocina en torno del cual desordenadamente giran los miembros de la familia.
--	--

Fressia recebeu do próprio Gullar a tradução de *Poema sujo* feita pelo grupo de Galeano, e menciona, na apresentação da edição bilíngue lançada na Argentina, que sua tradução acabou ficando mais distante da desenvolvida pelo grupo de tradutores que ele chamou de ‘multicéfalo’, e mais próxima da tradução feita por Paloma Vidal e Mario Cámara, que realizaram a tradução de um outro poema de Gullar que acompanha a edição argentina. Nesse caso específico, em que tradutores trabalham em conjunto, torna-se necessária a utilização de critérios de tradução que estejam sintonizados entre si, para que haja uma harmonização no resultado final, o que explicaria, em parte, a necessidade da retradução feita por Fressia, já que o grupo de Galeano trabalhou na tradução de *Poema sujo* na década de 70, época concomitante à criação do poema feito por Gullar, e não tinha a intenção em traduzir outros poemas do autor naquele momento. A opção da editora em lançar mais de um poema de Gullar em um mesmo livro pode ainda ser entendida como um caso em que o mercado dita as regras e influencia até mesmo na questão da tradução.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entende-se que no caso da língua espanhola, que é idioma oficial de mais de 20 países, localizados em quatro continentes, os aspectos léxicos e culturais que diferem o espanhol praticado entre um país e outro contribuem, de certa forma, para a necessidade das retraduições, tendo em vista ainda uma provável dificuldade de acesso e distribuição de exemplares entre países localizados tão distantes uns dos outros. Nesse caso, pode-se inferir que Fressia não tenha obtido acesso às traduções de *Poema sujo* lançadas na Espanha e em Cuba, por exemplo. Ainda no fato em questão, o tradutor desenvolveu seu trabalho com o acompanhamento do autor do escrito original, o que oportunizou uma tradução que melhor captasse as intenções de Gullar, já que autor e tradutor mantiveram contato ao longo do trabalho de tradução de Fressia.

A tradução proposta por Fressia seria, como aponta Faleiros (2009), uma nova leitura de *Poema sujo*, ou ainda uma reapropriação de uma obra já traduzida, onde a historicidade do traduzir foi considerada pelo tradutor, na medida em que Fressia optou por consultar uma tradução já existente, bem como o autor do texto original. Analisando ainda os fatos fundamentais propostos por Berman (2017) que seriam inerentes à prática da retradução (no caso a *insuficiência* e o *kairos*), pode-se concluir que Fressia buscou reduzir a *insuficiência* presente na tradução a que teve acesso, e que o tempo de cerca de três

décadas entre o lançamento de *Poema sujo* e a tradução de Fressia tenha contribuído para o surgimento do *kairos*, a categoria temporal que remete ao momento propício para uma nova tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benjamin W (2013). A tarefa do tradutor. In: Benjamin W. Escritos sobre mito e linguagem. São Paulo: Editora 34.
- Berman A (2013). A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. 2ª ed. Florianópolis: PGET/UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/17888>> Acesso em: 23 jul.2020.
- Berman A (2017). A retradução como espaço da tradução. Tradução de Clarissa Prado Marini & Marie-Hélène C. Torres. Revista Cadernos de Tradução, Florianópolis, 37(2): 261-268.
- Bosi A (2015). História concisa da literatura brasileira. 50ª ed. São Paulo: Cultrix.
- Britto PH (2012). A tradução literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bueno A (2007). Uma história da poesia brasileira. Rio de Janeiro: G.Ermakoff Casa Editorial.
- Campos H (2020). Tradução, ideologia e história. Revista Remate De Males, 4: 239-247.
- Cardoso KA (2018). Evocação à terra natal: tradução dos elementos ludovicenses no *Poema sujo*, de Ferreira Gullar. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, p.97. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/33060/1/2018_KallynnyRichellydoAmaralCardoso.pdf> Acesso em: 10 jun.2020
- Faleiros Á (2009). A crítica da retradução poética. Revista Itinerários, Araraquara, 28: 145-158.
- Fressia A (2008). Poema sucio. Buenos Aires: Corregidor.
- Gullar F (2008). Rabo de foguete – os anos de exílio. Rio de Janeiro: Revan.
- Gullar F (2016). Poema sujo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Meschonnic H (2010). Poética do traduzir. São Paulo: Perspectiva.
- Moriconi I (2002). Como e por que ler a poesia brasileira do século XX. Rio de Janeiro: Objetiva.

Índice Remissivo

A

Automedicação · 98

C

Cultura organizacional · 55, 56

D

Doença de Chagas · 106, 108, 109

E

Enfermagem · 186, 187, 188, 190

Ensino de Física · 71, 73, 74

Estado do Pará · 106, 107, 108

Ética · 168

F

Farmacêutico · 101

Feira · 42, 43, 44

Ferreira Gullar · 177, 181

Filosofia · 167, 169, 175

G

Gestão da Qualidade · 168

H

Hibiscus sabdariffa L · 86

M

Metodologias · 72, 74

P

Poema sujo · 177, 181, 182, 183, 184

Público · 173

R

Representatividade · 39

S

Satisfação · 44, 54, 60, 62

U

Urbano · 9

Sobre os organizadores



  **Alan Mario Zuffo**

Engenheiro Agrônomo, graduado em Agronomia (2010) na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestre (2013) em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor (2016) em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Pós - Doutorado (2018) em Agronomia na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atualmente, possui 158 artigos publicados/aceitos em revistas nacionais e internacionais, 126 resumos simples/expandidos, 63 organizações de e-

books, 39 capítulos de e-books. É editor chefe da Pantanal editora e revisor de 18 revistas nacionais e internacionais. Contato: alan_zuffo@hotmail.com.



  **Jorge González Aguilera**

Engenheiro Agrônomo, graduado em Agronomia (1996) na Universidad de Granma (UG), Bayamo, Cuba. Especialista em Biotecnologia (2002) pela Universidad de Oriente (UO), Santiago de Cuba, Cuba. Mestre (2007) em Fitotecnia na Universidade Federal do Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. Doutor (2011) em Genética e Melhoramento de Plantas na Universidade Federal do Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. Pós - Doutorado (2016) em Genética e Melhoramento de Plantas na EMBRAPA Trigo, Rio Grande do Sul, Brasil. Professor Visitante na Universidade Federal de Mato Grosso do

Sul (UFMS) no campus Chapadão do Sul (CPCS), MS, Brasil. Atualmente, possui 52 artigos publicados/aceitos em revistas nacionais e internacionais, 29 resumos simples/expandidos, 33 organizações de e-books, 20 capítulos de e-books. É editor da Pantanal Editora e da Revista Agrária Acadêmica, e revisor de 19 revistas nacionais e internacionais. Contato: j51173@yahoo.com, jorge.aguilera@ufms.br.



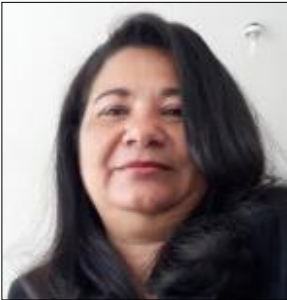
  **Bruno Rodrigues de Oliveira**

Graduado em Matemática pela UEMS/Cassilândia (2008). Mestrado (2015) e Doutorado (2020) em Engenharia Elétrica pela UNESP/Ilha Solteira. Pós-doutorando na UFMS/Chapadão do Sul-MS. É editor na Pantanal Editora e professor de Matemática no Colégio Maper. Tem experiência nos temas: Matemática, Processamento de Sinais via Transformada Wavelet, Análise Hierárquica de Processos, Teoria de Aprendizagem de Máquina e Inteligência Artificial. Contato: bruno@editorapantanal.com.



ID Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Pedagoga, graduada em Pedagogia (2020) na Faculdades Integradas de Cassilândia (FIC). Estudante de Especialização em Alfabetização e Letramento na Universidade Cathedral (UniCathedral). É editora Técnico-Científico da Pantanal Editora. Contato: rlustosa@hotmail.com.br



ID Aris Verdecia Peña

Médica, graduada em Medicina (1993) pela Universidad de Ciencias Médica de Santiago de Cuba. Especialista em Medicina General Integral (1998) pela Universidad de Ciencias Médica de Santiago de Cuba. Especializada em Medicina en Situaciones de Desastre (2005) pela Escola Latinoamericana de Medicina em Habana. Diplomada em Oftalmología Clínica (2005) pela Universidad de Ciencias Médica de Habana. Mestrado em Medicina Natural e Bioenergética (2010), Universidad de Ciencias Médicas de Santiago de Cuba, Cuba. Especializada em Medicina Familiar (2016) pela Universidade de Minas Gerais, Brasil. Professora e Inструкторa da Universidad de Ciencias Médicas de Santiago de Cuba (2018). Ministra Cursos de pós-graduação: curso Básico Modalidades de Medicina Tradicional em urgências e condições de desastres. Participou em 2020 na Oficina para Enfrentamento da Covi-19. Atualmente, possui 11 artigos publicados, e seis organizações de e-books



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br

